



Três fases na vida da A.C.I.

Correio Popular

João LANARO

16
7
77

Quem, nos dias que correm, transitar pela Barreto Leme, e tiver suas visitas voltadas para uma construção de porte, cujas obras demonstram não tardar a sua conclusão, à altura do Palácio dos Jequitibás, é conhecer a história da Associação Campineira de Imprensa, hoje ao alcance de todos e não de poucos, tal como o confrade Barbosa Pupo, isto, graças ao livro de Julio Mariano, HISTÓRIA DA IMPRENSA EM CAMPINAS, por certo que terá, modeladas na mente, as várias fases que essa entidade têm vivido.

Fases difíceis porque animadas por sonhos que também traziam o suporte de puros ideais a enfunar o peito de um punhado de homens idealistas, a velha agremiação, que hoje está às portas do meio século de existência, em que pesem o trabalho, quase obsessivo de todos que dela se ocuparam, há que se distinguir em sua já longa vida, três fases.

A primeira delas é marcada, pereneamente, pela ação de um homem que, trazendo desde o berço o vírus da imprensa, da qual jamais se afastou em toda a sua vida de professor especializado, idealizou fundá-la. É ele Norberto de Souza Pinto, que naqueles distantes dias do ano de 1927, sentiu a falta de ambiente aonde pudesse reunir os jornalistas — oficiais do mesmo ofício — não só para as conversas informais tal como se fazia na Charutaria Havaneza, de propriedade do saudoso Lalá, instalada em sobrado ainda existente no largo do Rosário, como para as reuniões litero-musicais, e em algumas vezes ou sempre que se fazia necessário, para os debates de interesse da cidade. Fase espinhosa esta, através da qual Norberto de Souza Pinto jamais esmoreceu enquanto não viu realizado o seu sonho, que também era o de muitos companheiros daqueles bons tempos.

Tal como se costuma dizer, Norberto tocou o barco, que se adernado algumas vezes, nunca, porém, deixou ir a pique.

Veio então, a segunda fase, após 10 anos de presidência exercida pelo seu principal fundador. Foi a fase de Sólton Borges dos Reis, liderando na época um grupo de jovens não menos idealistas que, embora sonhadores, deram à A.C.I. novos rumos e novas metas, sempre dentro dos princípios então gizados pelas mãos de seu idealizador.

E a entidade dos jornalistas de Campinas se projetou fora das lindes do Município, ganhando maior prestígio agora, lá fora, saindo de sua modestia, característica, aliás, do preclaro mestre que a fundou, homem de saber, mas avesso às manifestações pictóricas.

Foi uma fase áurea embora sempre inflada de grandes sacrifícios de toda ordem, através da qual se avultava cada vez mais o problema da sede, problema esse que obrigava os seus diretores, em muitas e muitas vezes, valem-se de suas próprias finanças para acudir o aluguel das salas aonde se achava instalada. Era uma situação que também obrigava os seus dirigentes a contínuas andanças de malas às costas, daqui p'rá lá, de lá p'rá cá... Esta situação me obriga a lembrar numa reverência a suas memórias, os prefeitos Joaquim de Castro Tibiriçá e Miguel Vicente Cury, que contribuíram decisivamente para que a A.C.I., por uns tempos, vivesse em relativa tranquilidade, alojando-se, primeiramente, em prédio à rua General Osório, esquina da Barão de Jaguará, e posteriormente à Avenida Francisco Glicério, prédio hoje demolido.

E veio a terceira fase — a presente — que teve início no primeiro dia em que os jornalistas elegeram para a sua presidência Carlos Tontoli. Sua meta, conforme declarou à Assembléia, era a construção da sede própria e, para isso, pedia o apoio e colaboração de todos. E não parou de trabalhar (dia e noite) tarefa que, felizmente, desde aquele primeiro dia, contou com a eficiente ajuda de dedicados companheiros de diretoria.

“Será uma sede condigna — diz ele — à altura da imprensa e dos homens do passado e do presente que muito lutaram e têm lutado para o seu crescente engrandecimento”.

É claro que a sua luta não terminará com a concretização muito breve desse antigo sonho acalentado por anos a fio por toda a classe. Sua obra terá prosseguimento com o apoio de todos quantos, desde há muito, acompanham o seu herculeo trabalho (responsável, tal como afirmam) pelos fios prateados de cabelos antes inexistentes...

Linhas acima eu lembrei — com saudade — de dois governadores de Campinas, cuja gratidão se faz sempre presente no seio da classe. Todavia, há um outro (felizmente com saúde e disposição) cujo nome está igualmente ligado à história da Associação Campineira de Imprensa. É ele o de Lauro Péricles Gonçalves!